

Regimes de sentido e interação na construção do corpo na mídia semanal

Simone Bueno da Silva*

Resumo: O artigo propõe analisar a produção de sentido nas formas de presentificação do corpo na mídia de informação semanal, tratando o universo de discurso midiático como *lócus* de interação social. Para isso, fundamenta-se nos estudos da semiótica discursiva desenvolvida por Algirdas Julien Greimas e seus colaboradores, detendo-se mais especificamente na sociossemiótica de Eric Landowski, na semiótica plástica de Jean-Marie Floch e nas pesquisas sobre moda e identidade, de Ana Cláudia de Oliveira. Toma como objeto de estudo as capas das principais representações do segmento de informação semanal no mercado editorial brasileiro – as revistas *Veja*, da editora Abril, *Época*, da editora Globo e *Istoé*, da editora Três – veiculadas no período compreendido entre 2000 e 2006. A observação das reiterações temáticas e figurativas, guiadas por elementos invariantes e variantes, conduziu-nos à percepção de duas grandes isotopias – saúde e esteticidade – em torno das quais se organizam as construções discursivas analisadas. A partir daí, observamos a construção de simulacros de corporeidades que se referem a um modo de presença predominantemente subjetivo e um modo de presença predominantemente objetivo. Baseados nesses regimes de presença, propomos uma tipologia dos modos de encenação do corpo relacionada aos diferentes regimes de sentido e interação. A análise dos mecanismos de enunciação em correlação com os regimes de sentido e interação levou-nos à observação da maneira como essa mídia opera na comunicação de informações sobre o corpo promovendo valores subjacentes às construções identitárias do sujeito da atualidade.

Palavras-chave: corpo, construção identitária, regimes de sentido e interação, semiótica discursiva, mídia impressa

1. O corpo em foco

Tomando a noção de “corpo” como entidade, indissociavelmente, objetiva e subjetiva, condenada a se perfazer ao longo de sua narrativa biográfica e existencial, este trabalho centra-se nos modos de presentificação do corpo na mídia revista de informação semanal, destacando aquelas de maior tiragem e circulação no cenário nacional – as revistas *Veja*, *Época* e *Istoé*, veiculadas no limiar do século XXI, entre os anos 2000-2006¹.

Centrado nas relações comunicacionais, tratadas pela sua sintaxe interacional, nosso trabalho será orientado pelos estudos da sociossemiótica de Eric Landowski, bem como pelas pesquisas em torno do universo de discurso da moda e construção identitária de Ana Cláudia de Oliveira e a semiótica plástica de Jean-Marie Floch, visando observar de que maneira as imagens de corporeidades, presentificadas nas capas da mídia semanal, comunicam regimes corporais do sujeito da atualidade. Nessa perspectiva, importa verificar como essas imagens, apresentadas como “coisas

a serem vistas”, (Landowski, 2002, p. 128) operam na orientação do olhar bem como do sentir do sujeito enunciatário, a partir de experiências corporais partilhadas no social; em outras palavras, trata-se de buscar analisar como se processam os modos de interação entre enunciador e enunciatário do discurso midiático e como atuam na formação de regimes de sentido que deixam entrever modos de presença do sujeito contemporâneo.

O encontro do leitor com o objeto “capa de revista” será tratado como uma relação comunicativa em que o fazer dos efeitos de sentido é pautado por uma semiótica da interação, na qual as figuras estampadas nas capas, nas corporeidades dadas a ver, ocupam, figurativamente, o lugar de um Outro, atualizando relações de identificação e alteridade envolvidas na construção da percepção corporal e identitária do sujeito enunciatário.

A aposta de entrever construções identitárias nas configurações corpóreas a partir das capas e matérias centrais do segmento mídia de informação semanal

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Endereço para correspondência: { simbueno@hotmail.com }.

¹ Segundo dados do IVC (Instituto Verificador de Circulação), maio de 2010.

aproximou-nos dos modos de presentificação do corpo nas chamadas “matérias frias”, delimitando nosso objeto. Isso porque tais matérias, além de não apresentarem uma ancoragem temporal específica, podendo ser retomadas em qualquer época, costumam falar ao leitor em uma perspectiva mais individual, tratando de assuntos ligados a comportamentos, saúde, beleza, religião, crenças etc., ligados mais diretamente a hábitos, estilos e formas de vida que envolvem um modo de presentificação corpórea marcado por construções subjetivas. Assim, pode-se dizer que o corpo tomado como invólucro de subjetividade aparece sobremaneira destacado nessas matérias.

2. Saúde e estética na ordem do dia

Ocupando-nos especialmente das matérias frias, observamos recorrências de alguns elementos invariantes que apontam para uma constância temática e figurativa na construção de simulacros de corporeidades edificadas.

Assim, em meio as mais diversas figuratividades que perpassam a complexidade das representações do corpo na mídia semanal, verificamos a reiteração do tema “saúde” operando como um traço invariante, aparecendo de forma sobremodalizada na quase totalidade das capas analisadas, de modo a configurar-se como uma grande isotopia temática, em torno da qual se organiza boa parte dos arranjos discursivos.

Na mesma condição, uma segunda temática sobre-determinante chama a atenção. Também em relação de sobremodalização discursiva, o tema da esteticidade corpórea frequenta com pontualidade o conjunto dos enunciados analisados, perpassando, igualmente, a diversidade de configurações do corpo, constituindo o que consideramos uma segunda isotopia temática. Dessa forma, pode-se dizer que duas grandes isotopias temáticas, seguidas de diferentes investimentos figurativos, orientam as construções discursivas analisadas: a reiteração de traços semânticos ligados à condição salutar do corpo, em termos de desempenho físico, psíquico, intelectual, e a esteticidade, em relação à forma e aparência desse corpo, apontam para a possibilidade de uma leitura da construção do corpo na mídia destacada centrada na saúde e esteticidade.

A partir daí, buscaremos observar de que maneira tal reiteração temática poderá nos conduzir a uma significação maior, ou seja, o que a reiteração de corpos da saúde e esteticidade, tratados como uma constante na mídia tratada, pode nos dizer em termos de significação sobre o corpo. De que maneira tais construções discursivas apontam para a construção de regimes de

sentido e interação que dizem respeito aos modos do sujeito ser e estar no espaço social?

3. Corpos encenados

Partindo da reiteração discursiva dos corpos da saúde e da beleza, observamos a existência de quatro tipos de simulacros de corporeidades, correspondentes a diferentes modos de encenação do corpo, que sugerem maneiras distintas do sujeito relacionar-se com o seu corpo. Nesses modos de encenação, observamos algumas constantes que indicam ora a predominância de elementos atrelados a um modo de presença mais subjetivo, ora a um modo de presença mais objetivo.

Admitindo com Oliveira (2005, p. 7) a existência de interações entre a linguagem do corpo e a linguagem da moda, buscamos, a partir dessa constatação, referências em seus estudos sobre moda, corpo e construção identitária, mais especificamente, em seu trabalho “Semiótica e Moda: por um estudo da identidade”². Nesse trabalho, em que estabelecem relações entre modos de presença do sujeito e modos de construção identitária, tendo por base os estudos da moda, a semiótica propõe uma tipologia dos modos do vestir-se em relação com regimes de presença do sujeito no mundo, definindo como posições de um diagrama o vestir-se para si – tomado como “subjetal” vs o vestir-se pela roupa – tomado como “objetal”; completando as posições do quadrado semiótico, o vestir-se com fins práticos – denominado “pragmático” vs o vestir-se com fins simbólicos – denominado “simbólico”. Entendendo tais relações dentro de um quadro de proximidade entre sistema corporal e vestimentar, no que diz respeito a possibilidades diferentes do sujeito construir a imagem de si, passaremos a adotar tais terminologias e suas implicações, buscando aplicar o modelo proposto por Oliveira em relação aos modos de apresentação corpórea destacados na mídia em questão. A observação de reiterações discursivas possibilitou-nos a seleção de uma amostra exemplar das três publicações analisadas.

3.1. Corpo subjetal

Nessa categoria são encenados corpos que apresentam uma tendência em acentuar elementos da dimensão estética, propensos a atualizar valores da esfera do subjetivo, reservando uma posição de segundo plano à dimensão estética. O corpo do sujeito do enunciado é tratado em uma relação reflexiva, atualizando elementos proprioceptivos³ comumente atrelados ao universo subjetal. Nessa perspectiva, sujeito e corpo se apresentam em relação de continuidade, na qual o sujeito experimenta um encontro consigo. Os actantes do enunciado são presentificados sentindo e experi-

² Ver nas Referências Bibliográficas: Oliveira, 2005.

³ Na teoria semiótica, proprioceptividade é um termo utilizado para referir-se à percepção que o sujeito tem de seu próprio corpo. Cf. Greimas, Algirdas. Julien, Courtés, Joseph. *Dicionário de semiótica*, Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo, Cultrix, p. 357.

mentando as sensações e os limites do próprio corpo. Nesses simulacros de corporeidades, o destinatário tem a possibilidade de obter informações relacionadas ao modo de lidar com as vicissitudes do corpo em suas alegrias, tristezas, dores, desejos, prazeres, expectativas etc. Tem-se, dessa maneira, um corpo com tendência a perfazer-se por e para si mesmo, ou seja, ancorado em formas de realização e desfrute das possibilidades da existência corporal. O sujeito enunciatário, no seu fazer transformador, é seduzido a entrar em conjunção com as formas de bem-estar no corpo, num fazer para si, alicerçado pela esfera individual, subjetiva. Há uma predominância do corpo natural, que abre espaço para a exploração das singularidades individuais, da ordem do *ser*, reservando ao *parecer* uma posição marginal. Em outras palavras, o corpo que se descobre, se alegra, adoece, envelhece, deprime, engorda e tende à mortalidade.

atário, no seu fazer transformador, é seduzido a entrar em conjunção com as formas de bem-estar no corpo, num fazer para si, alicerçado pela esfera individual, subjetiva. Há uma predominância do corpo natural, que abre espaço para a exploração das singularidades individuais, da ordem do *ser*, reservando ao *parecer* uma posição marginal. Em outras palavras, o corpo que se descobre, se alegra, adoece, envelhece, deprime, engorda e tende à mortalidade.



(a) *Veja*, 08/03/2000



(b) *Época*, 03/01/2005



(c) *Istoé*, 22/11/2000

Figuras 1

3.2. Corpo objetal

Nessa categoria destacam-se os simulacros de corpos idealizados segundo um modelo de corporeidade que se inscreve na perspectiva do *parecer* para o outro. Em oposição ao corpo subjetal, no qual se acentua a dimensão estética, atrelada a um sentir no e em relação ao corpo, ressalta-se a perspectiva da estética corporal, com vista a um modo de presença que acentua a dimensão cosmética, de que fala Landowski⁴. Nesses simulacros, ganham relevância os modos de constituição corpórea que se orientam mediante um conformar-se a uma estética corporal proclamada no social. Assim, o sujeito remodela seu corpo buscando reconfigurar sua aparência, segundo um modelo de corporeidade idealizado, tomando por base o predomínio do *parecer*, em oposição às relações do si consigo, do corpo subjetal, em que predominavam o universo do *ser*. Trata-se do corpo refeito pela cirurgia plástica,

pela prótese de silicone, por intervenções tecnológicas, de superfície ou invasivas, que, muitas vezes, obrigam o sujeito a redimensionar suas relações com o espaço circundante. Nessa perspectiva, a dimensão orgânica do corpo é apagada, ganhando a cena enunciativa um corpo ideado, calculado, padronizado. Corpos que se apresentam sem pêlos, livres de fluídos, suor, dor, fadiga, sensações, e, no limite, sem órgãos, mostrando uma predominância do construído sobre o dado. Um corpo que não adoece, não envelhece, não se deprime, não engorda e tende à imortalidade.

⁴ Landowski, Eric. *Flagrantes delitos e retratos. Galáxia - Revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura*. São Paulo, Educ, n. 8, p. 30-71, outubro de 2004.



(d) *Veja*, 07/01/2004



(e) *Época*, 09/04/2001



(f) *Istoé*, 20/09/2000

Figuras 2

3.3. Corpo pragmático

Nessa categoria são apresentados simulacros de corporeidades que colocam em primeiro plano a dimensão pragmática da existência corporal. Em posição de sub-contrariedade ao corpo objetual, das encenações que se alicerçam na dimensão cosmética, esses modos de presença corporal enfatizam a praticidade e funcionalidade do corpo, solicitada na performance que mobiliza as competências do corpo para cumprir funções práticas. Nessa perspectiva, o sujeito e seu corpo se encontram numa relação funcional, marcada pelo uso que ele é chamado a fazer de suas habilidades

físicas, intelectuais e orgânicas no cumprimento de tarefas do cotidiano. O traço funcional predomina em relação ao traço eidético e os movimentos conclamados podem ser entendidos como uma extensão do sujeito. Assim, o corpo é tomado da perspectiva da ação orientado por um propósito. São encenados corpos da mobilidade requerida para os movimentos do corpo, das competências intelectuais, do fazer reprodutor etc. O corpo que assume a sua constituição orgânica e suas manifestações: suor, fadiga, tensão, necessidades e vontades, não se preocupando com a dimensão estética, a qual é reservada uma posição marginal.



(g) *Veja*, 2001



(h) *Época*, 20/09/2004



(i) *Istoé*, 12/06/2002

Figuras 3

Nessa categoria inscrevem-se os simulacros de corpos que desfilam no meio imagético, desempenhando um papel social e obtendo posição de destaque e visibilidade, sobretudo, em relação à sua imagem e aparência. Nesses arranjos discursivos, os sujeitos do enunciado exibem corpos em conformidade com símbolos da aparência, euforizados no social. Verifica-se, então, a projeção de imagens de corporeidades que seguem e incorporam as tendências ou os ditames da moda, apresentando uma disposição volitiva em

manter ou amoldar o corpo de acordo com aspectos convencionais, sendo modalizadas pelo *querer ser visto* de acordo com os valores eleitos pelo social. Nesses termos, a estética corporal passa a exercer o papel de signo de inserção social e meio de obter uma posição de visibilidade ou *status* social. A aparência e imagem corporal são indicadoras da constituição do sujeito e impulsionadora de sua aceitabilidade. O corpo se conforma à superficialidade da aparência, buscando fazer parte de um sistema axiológico.



(j) *Veja*, 27/11/2002



(k) *Época*, 01/11/2002



(l) *Istoé*, 05/12/2001

Figuras 4

O exercício de sistematização das análises possibilitou o encaminhamento de uma proposta de classificação tipológica dos modos de presença do corpo na mídia em questão, pautado em efeitos de sentido gerados a partir dos modos de relacionamento dos sujeitos do enunciado com seus modos de presentificação corpóreas.

Como ponto de partida, destacamos os simulacros de corporeidades que apresentam uma tendência em atualizar, predominantemente, traços da ordem do subjetivo. O corpo subjetal, (Figuras 1 a, 1 b, 1 c), como propusemos denominá-lo a partir dos estudos de Oliveira, é um corpo em que o sujeito se apresenta em relação com o sentir o próprio corpo, descobrindo-o através de um encontro consigo mesmo, no experimentar sensações e limites, em um percurso narrativo de afloramento de estados de alma. Trata-se de um modo de percepção corporal em que o sujeito é induzido a descobrir-se por si mesmo e para si mesmo, em uma relação dialógica estésico-somática. Nessa perspectiva,

são destacadas eventuais particularidades do sujeito, escolhas individuais e circunstanciais, apontando para um modo de presença, eminentemente, subjetivo.

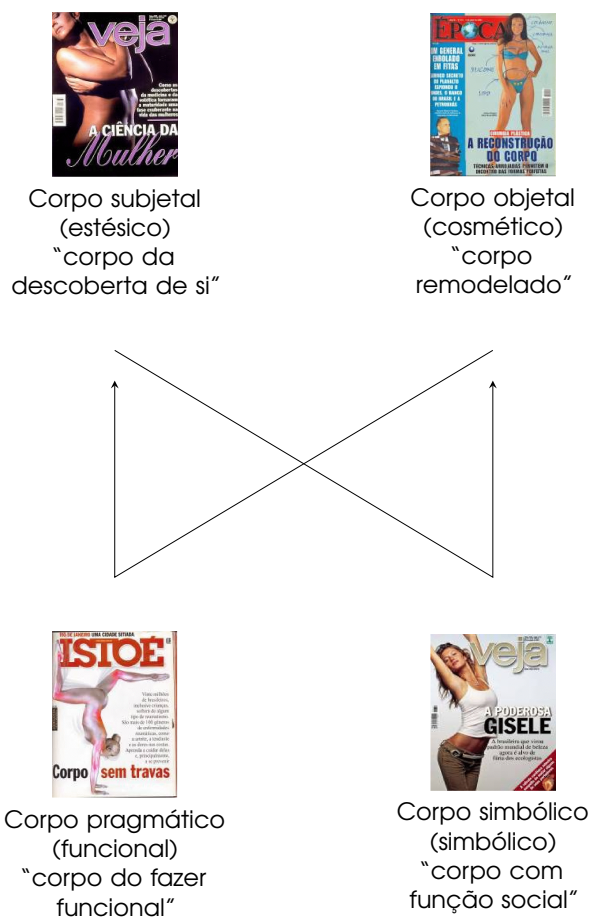
Em relação de contrariedade a esse modo de presença, temos o corpo objetual (Figuras 2 d, 2 e, 2 f). Nessa forma de constituição corpórea, a dimensão estética do corpo se coloca em primeiro plano, reservando uma posição margeada ao plano subjetivo. Trata-se de um corpo que se constitui na relação para o outro, centralizando seu programa narrativo na busca de uma plástica corporal admirada pelo outro. É o corpo que se orienta pela perspectiva “cosmética”, de que fala Landowski, lançando mão de artifícios embelezadores que agem na superfície de sua aparência, figurativizados na cirurgia plástica, lipoescultura, próteses de silicone e intervenções estéticas de toda ordem. No limite desse proceder, o corpo passa por um verdadeiro processo de desmaterialização, passando a ganhar uma nova formatação. Assim, a dimensão estética subordina a dimensão estésica.

Em posição de subcontrariedade ao corpo objetual, destacamos o modo de presença do corpo pragmático (Figuras 3 g, 3 h, 3 i), centrado em um fazer funcional, que aciona as competências e habilidades do corpo em relação à performance solicitada para as tarefas do dia-a-dia. O programa narrativo proposto ao sujeito desse corpo é atrelado à manutenção, desenvolvimento ou aprimoramento das capacidades do corpo em cumprir as funções às quais está destinado. O fazer funcional se coloca como uma extensão do corpo do sujeito, que não está preocupado com a dimensão estética, com o mundo do “parecer”, estabelecendo com o corpo uma relação voltada para fins práticos. Nesse caso, a dimensão pragmática, na qual se inscreve o fazer funcional do corpo, predomina sobre o plano estético.

O corpo simbólico (Figuras 4 j, 4 k, 4 l) se apresenta como outro pólo do eixo subcontrário. Nesse modo de

presença, as formas corporais do sujeito do enunciado, conformada aos símbolos da aparência, surgem atreladas à posição de visibilidade e signo de inserção social. Nesse caso, o sujeito rearranja ou mantém a estética corporal de acordo com os ditames da tendência, colocando em segundo plano os elementos da dimensão subjetiva. Ao optar por essa forma de constituição corporal, mantendo ou amoldando o corpo de acordo com um modelo de aparência, o sujeito coloca em segundo plano os traços da dimensão subjetiva em favor de uma constituição corpórea emblemática. No nível narrativo, o fazer transformador do sujeito resulta na obtenção de *status* ou posição social de visibilidade através do investimento na imagem e aparência.

Balizado pelas oposições de base “ser vs parecer”, no nível fundamental, na diagramação geral, temos as seguintes articulações:



A partir daí importa verificar como esses modelos de corporeidades adquirem sentido nas relações comunicativas que estabelecem com o enunciatário.

4. Corpos em interação

Ao que tudo indica, o corpo dado a ver nas capas de revista em uma multiplicidade de olhares, poses, gestualidades, vestimentas, expressões e sensações

diversas não se deixa apreender senão em uma relação de interação. Nesse processo, ao lado da relação intersubjetiva, mediante a qual o sujeito constrói sua identidade actancial no plano da alteridade, mobilizando uma competência cognitiva, um outro modo de presença parece concorrer na apreensão e construção do sentido, dessa vez, atualizando elementos de uma relação intersomática, da ordem sensível. A busca da percepção dessa forma de fazer sentido, que se desenvolve simultânea ou entrelaçadamente com a primeira, coloca nosso estudo em diálogo com as pesquisas da semiótica da interação de Eric Landowski.

Centrado na emergência da significação na dinâmica dos discursos e das práticas sociais, o semioticista elabora uma semiótica da experiência, em que a produção do sentido se faz em situação e em ato, com e na interação, abrindo caminhos para a edificação de uma semiótica sensível. Nesse percurso investigativo, além dos procedimentos de *manipulação* e *programação* que integram o *regime de junção*, fundados na expectativa *inteligível*, o autor propõe que se considere a construção do sentido por meio dos procedimentos de *ajustamento* e *acidente*, que integram o que ele denomina de “regime de união”, orientado por uma expectativa sensível.

O regime de sentido da programação é marcado pela continuidade e não pressupõe a transformação do sujeito. Ao contrário, prevê um comportamento regular para este, mediante o estabelecimento de um programa narrativo que preserva sua identidade por meio da repetição de um mesmo papel temático

O regime de manipulação é guiado por uma relação de intencionalidade, que prevê a transformação do sujeito de estado mediante a conjunção ou disjunção com o objeto de valor. Na manipulação, é a posse do objeto de valor que provoca a transformação do sujeito, considerado um sujeito de volição.

Tanto o regime da programação quanto o da manipulação são fundados em uma economia de troca. O elemento cognitivo é o orientador desses dois regimes, correspondendo, na programação, à reiteração do papel temático, inscrito em uma expectativa da ordem inteligível, e, na manipulação, à mobilização das competências cognitivas, segundo as modalizações do poder e saber que determinam o fazer-querer.

Em relação contrária à programação, o regime de sentido do acidente é guiado pelo princípio da descontinuidade, da irregularidade, do caótico, em que ocorre a assunção do risco total dos acontecimentos. Nesse caso, o efeito de sentido se dá através do encontro do sujeito com o objeto ou com outro sujeito, em uma relação não mediada por objetos de valores. Trata-se de uma relação interactancial na qual o efeito de sentido é determinado por uma dimensão sensível.

O regime do ajustamento também prevê o encontro direto entre os sujeitos. Tal relação, da ordem do

contato, é orientada pelo princípio da reciprocidade, em que um sente o sentir do outro, destacando como princípios norteadores o conjunto dos sentidos: tato, olfato, visão, paladar, audição e a própria percepção corporal que o sujeito tem do espaço. Na imediatividade desse encontro intersomático, o efeito de sentido tende a convergir para ambos.

Partindo da complexidade significativa que envolve os modos de presentificação corpórea em nosso objeto, nosso próximo passo será verificar como esses diferentes regimes de sentido e interação operam nas construções discursivas do corpo na mídia semanal.

4.1. Pressupostos de um fazer-fazer e fazer-ser

De maneira global, podemos dizer que o regime de sentido e interação que atua como elemento orientador do fazer do discurso midiático é o regime da manipulação.

No caso da mídia de informação semanal, não se pode ignorar a questão do fazer informativo que está na base de seu modo de existência e que mobiliza, de início, um fazer-crer, que coloca em jogo a adesão ou não do enunciatário, fundado em um fazer cognitivo recíproco de base contratual. O que está em jogo nessa relação não é, fundamentalmente, um dizer verdadeiro, mas um *fazer-parecer-verdadeiro*, fundado na construção de efeitos de sentido. A questão que se coloca é como o discurso midiático faz parecer verdadeiro os simulacros de corporeidades que divulga e que fundamentam seu discurso?

Conforme vimos, tal discurso atua na construção de simulacros generalizantes de corporeidades, investindo em um padrão de corporeidade que se orienta pela perspectiva da saúde e beleza. Entretanto, o modelo de corporeidade assinalado bem como os conceitos e noções instituídos em torno deles não correspondem necessariamente a verdades absolutas sobre a saúde ou beleza, mas a estruturas modelares que atuam na redução e neutralização das diferenças, apontando para a edificação de estereótipos. A reiteração massiva dessas imagens tende a nos fazer enxergá-las como verdades únicas a serem seguidas, escamoteando outros modos de percepção do corpo. Uma vez aceita a perspectiva da esquematização, o destinador dos modelos construídos passa a jogar com a eficácia do elemento simbólico levando o enunciatário a se enfrentar em seu próprio desejo, num fazer de reconhecimento e identificação. Conforme Landowski:

[...] não é que a coisa prometida se realize ou não, mas sim o próprio ato de adesão pelo qual os sujeitos, identificando-se com os simulacros que lhe são propostos, passam a confiar nos mesmos que, sob a roupagem de ‘promessas’, na realidade moldam o desejo deles (1992, p. 157).

Dessa forma, imagens edificantes em torno de um corpo idealizado, bem como a atualização simbólica dos modos de realização subjetiva e intersubjetiva, positivizados em decorrência da conjunção com o modelo propalado, ganham os contornos de modelos a serem seguidos, amparados por um “destinador construído” (Landowski, 1992, p. 157), o discurso midiático, que se apresenta como conhecedor dos meios de se obter estados de corporeidades desejáveis, orientado na perspectiva da promessa.

A rigor, *Veja*, *Época* e *Istoé* assumem o perfil de destinadores da informação construindo suas identidades mediante a competência de distribuir informação de forma imparcial e objetiva. Invariavelmente, apoiando-se no discurso da ciência e tecnologia, delegando vozes a especialistas, tais publicações assumem, além do caráter jornalístico, uma postura pedagógica, buscando, ao menos em tese, ensinar ao leitor o que ele não sabe, muitas vezes revestindo seus textos de um didatismo explícito, que se traduz na sintetização e simplificação excessiva de assuntos considerados pela própria ciência como não tão simples, num esmiuçar de sentidos que parece visar o encurtamento do caminho para informação, sendo essa uma das características que se destaca nesse gênero de veiculação de informação. Esse modo de existência, amparado na modalidade do saber, garante a essas publicações, muitas vezes, o lugar de figura de autoridade no centro dos debates públicos, no cenário nacional, e a consequente posição de objeto de valor para o enunciário. Sob o perfil de generalidades, tais semanários informativos transmitem saberes diversos, comunicam tendências, gostos, estilos de vida aos quais não escapam a divulgação de modos de presença corporal, deixando entrever, na atividade de informar, percursos de modalizações das formas de ser e estar no mundo, ancorados em configurações corpóreas que, glamourizadas no espaço midiático e compartilhadas no espaço social, tendem a ser eleitas como desejáveis.

Notar-se-á que os valores de busca postos nos simulacros de corpos da perfeição estética e salutar não constituem, em si, um horizonte fixo. Ao contrário, uma vez instaurados, revestem-se de variações diversas, assumindo contornos diferenciados. Dessa forma, os padrões de saúde e beleza sofrem frequentes remodelações que caminham de acordo com as novas descobertas da ciência, da medicina ou da estética, impulsionando um fazer constante por parte do destinatário na busca de um ideal de corporeidade. Nesse caso, o enunciário, inscrito sempre no domínio da privação do saber em relação às “novas”, torna-se um sujeito de busca constante, assegurada pela renovação dos simulacros sempre em construção. Estamos diante de um percurso de repetição da manipulação que tem como consequência o regime de sentido da programação. Com efeito, na mídia destacada, o lei-

tor que se habitua a receber informações a partir de uma leitura semanal, passa a repetir esse ato mecanicamente, principalmente, se tornar-se assinante da revista, o que é o caso da maior parte do público alvo desses semanários informativos.

Do ponto de vista da construção identitária, observamos que a renovação do simulacro não destitui a perspectiva de um corpo idealizado a ser perseguido como modelo, apenas a recria. Assim, mudam-se os meios de se chegar ao ideal de corpo da perfeição, esse mantido, no plano semântico, intacto, ou seja, a perspectiva do corpo modelar é apenas renovada, conforme o regime da programação.

4.2. Fazer-ser e fazer-sentir: o percurso da programação em *Veja*, *Época* e *Istoé*

Entendendo que a divulgação das “novas”, como fazer do discurso midiático-jornalístico, atua na renovação do simulacro de corporeidade, mantido na perspectiva modelar, podemos falar em um suposto ajustamento que se daria entre enunciador e enunciário, este seduzido a manter uma relação de atualização com o ideal de corpo divulgado. Nesse ajustamento, o enunciário seria motivado a mais que um simples querer-saber ou querer-conhecer as novidades sobre as formas corporais aclamadas, mas, sobretudo, a um querer experimentar ou sentir, na própria pele, o que essas formas lhe oferecem, mediante o que o social estabelece. Nesse caso, o fazer-saber caminhará junto com um fazer-sentir, mobilizando uma competência estética do sujeito na apreensão do sentido. Trata-se da acepção de simulacros não apenas da ordem do visível, mas da ordem da experiência, ou seja, como o sujeito se relaciona com as formas que lhes são dadas a ver. O que essas formas lhe proporcionam em termos de sentido vivido. Nessa perspectiva, as qualidades do corpo saudável e belo atuam como critérios de desejabilidade de um corpo, que, de forma de simulacro, é dado a fazer sentido na dimensão do contato, da interação; no sentir o que sente – “o sentir do outro” – um corpo em conjunção com os padrões da saúde e estética.

Nesse processo interacional, os simulacros de corporeidades, admitidos não mais como simples “corpos de papéis”, mas como uma presença instaurada; nesse caso, um corpo sensível, passível de identificação, promove o simulacro de uma presença contagiosa, orientando o percurso de produção de sentido para o regime de sentido da união.

Landowski, buscando delinear com rigor científico os pressupostos desse processamento por união, define um modelo de contágio por impressão como sendo uma forma de contágio unilateral que nos parece o modelo desenhado em nosso objeto:

No caso do contágio por impressão, embora a interação se desenvolva no plano sensível (portanto, no modo do contágio intersomático), tudo se passa do ponto de vista do resultado, como se nos encontrássemos ainda sob o regime da junção. Em situações semelhantes, a interação acaba com a reprodução, mais ou menos calculada, conforme o caso, de processos predefinidos, nada mais, nada menos que no quadro da clássica “manipulação” esquematizada pela gramática narrativa. Essa forma unilateral de contágio tende, desse modo, a fazer o sujeito contaminado percorrer as etapas de um programa predefinido pelo outro – por aquele que o contamina – e que resta apenas, em suma, executar (Landowski, 2005, p. 50).

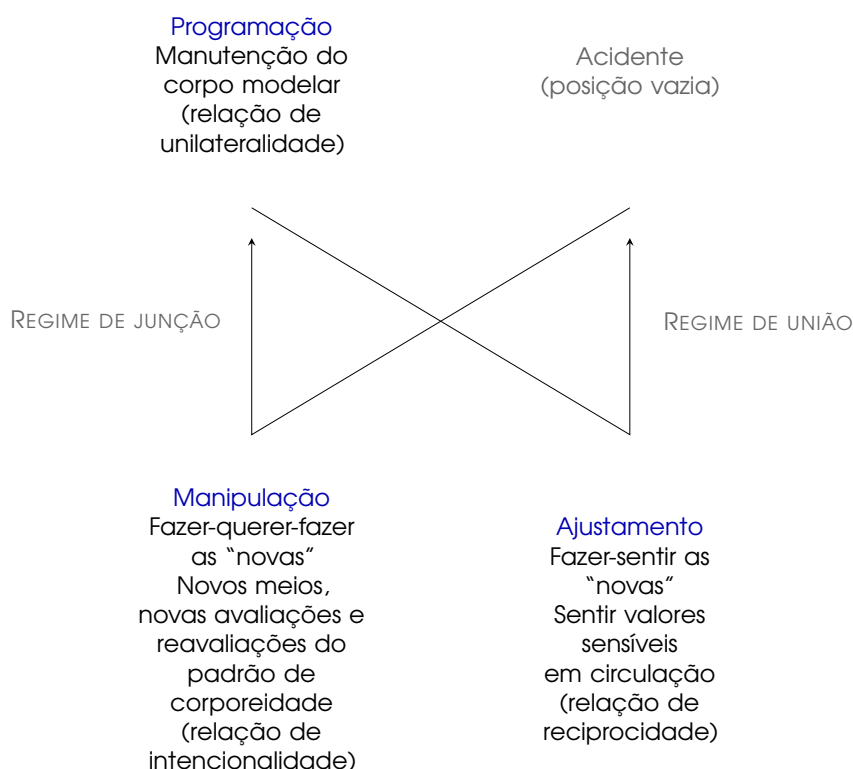
Perscrutando o caminho da edificação de tendências e estilos de vida, manifestados na absorção de formas corporais tidas como desejáveis em nosso objeto, vemos desvelar um projeto de transformação de estado do actante enunciatário mediante a conjunção com um objeto previamente definido que ocupa o lugar de um “objeto autônomo”, proveniente de uma instância exterior ao sujeito. No caso, um modelo de corporeidade pré-estabelecido que é capaz de despertar a competência estética do sujeito, porém, resultante de uma intervenção externa. Trata-se de uma forma de contato mediada em que se verifica a coexistência de elementos que “têm significação no universo ideológico da junção (ou seja, corpos-objeto), e, de outra parte, elementos que fazem sentido imediatamente, na ótica da união (isto é, corpos-sujeito)” (Landowski, 2005, p. 27). Vejamos como isso acontece: os simulacros propalados como simulacros de corpos idealizados, e, portanto, corpos desejáveis, são edificadas segundo modelos pré-codificados, fundamentados em critérios estéticos, instituídos por uma instância exterior mediadora, no caso, o discurso midiático. Assim, os critérios que determinam que um modo de presença corporal se torne ou não desejável passam pelo crivo do olhar midiático, que, na posição de destinador, dita tendências, impondo para o destinatário um aprendizado sobre as qualidades extrínsecas ao corpo propalado como ideal. Nesse caso, a performance proposta pelo enunciador no programa narrativo de entrar em conjunção com o corpo ideal passa pela ordem cognitiva, dada pelo saber reconhecer as formas tidas como desejáveis, doada pelo destinador midiático, que se desenvolve paralelamente à performance sensível, atrelada ao prazer estético que o modelo de corporeidade idealizado é capaz de despertar. Notar-se-á que o percurso estético no qual se desvela um corpo-sujeito que sente o sentir do outro, presentificado no corpo tido como desejável, contribui sobremaneira para a intensificação do valor do corpo-objeto, corroborando tal estratégia enunciativa para a acentuação do poder de sedução dessas

formas estetizadas sobre o enunciatário. Tem-se, então, um fazer cognitivo que acontece em relação de complementaridade com um fazer sensível, uma vez que os critérios de desejabilidade do corpo idealizado seguem um julgamento estético, regulado pelas normas socioculturais, em uma operação que requer o distanciamento objetivante do julgamento e interpretação, mobilizando um cálculo de persuasão por parte do enunciador e cálculo interpretativo por parte do enunciatário. Em relação à aprendizagem do modelo de corporeidade desejável, o procedimento do discurso midiático não é outro senão a reiteração exaustiva de imagens edificantes que faz com que reconheçamos ou não, no contexto social e cultural, um modelo de corporeidade como desejável. Nessa direção, Landowski, pontua:

Nessa estética social do corpo que nos é proposta (ou imposta) pelo discurso mediático e publicitário sob a forma de modelos de ordem anatômica, fisionômica, cosmética ou indumentária, os critérios da “desejabilidade” desempenham uma dupla função. Eles conduzem ao reconhecimento do que outrora se chamava, bastante vulgarmente, de “iscas” de um corpo dado à visão, e eles servem ao mesmo tempo de normas de referência para a modelagem dos mesmos corpos, fornecendo a base de toda uma ciência cosmética – de todo um comércio, de toda uma indústria – com cuja ajuda presume-se efetuar a transformação programada do corpo próprio em imagem para o outro, em “corpo-objeto” construído artificialmente (e indefinidamente a reconstruir) em vista de novas avaliações ou reavaliações (Landowski, 2005, p. 28).

No caminho de aprendizagem do desejável, as lentes do discurso midiático atuam na perspectiva da normalização. Criando sujeitos “midiaticamente informados”, dentro de um padrão rígido de esteticidade, tal discurso corrobora para a obliteração de outras formas de expressão corporal, sacralizando aquelas que divulgam, em altas e reiteradas doses. Nessa perspectiva, vimos desvelar um modelo de contaminação em nosso objeto que se revela apenas como um estágio dentro do regime da junção, cujo pressuposto é garantir as bases de um fazer manipulador em direção à programação. Tal regime revela o modo de existência próprio ao discurso midiático que, por definição, opera no eixo da continuidade.

A partir dessa percepção é possível compreender como esse discurso, operando manobras discursivas, efetua um desvio de elementos que poderiam remeter ao regime de sentido do acidente, notadamente, neutralizado nesse gênero discursivo, conforme podemos ver no diagrama a seguir:



Partindo do regime de sentido da manipulação, o enunciatário adquire competência cognitiva (segundo um *poder-saber*) que o impulsiona a *querer* transformar seu estado corporal. Nesse percurso narrativo, ele adquire informações sobre os meios para entrar em conjunção com um padrão de corpo euforizado e estabelecido como valor. Uma vez aceito tal valor, o enunciatário passa a assumir um papel temático pre-determinado que o manterá sob a expectativa de um desempenho programado. Trata-se de uma transformação programada que orienta o percurso de sentido do regime da manipulação para a programação. No percurso da manipulação, a transformação do sujeito ocorre mediante a incorporação dos meios, que sempre se renovam, de se atingir o corpo modelar, bem como do caráter apreciativo – “as novas cirurgias”, “dietas”, “estratégias e truques”, como “ficar mais bonita, ou mais bonito” etc. Porém, a manutenção do papel temático do ser saudável e belo inclui um fazer sensível que atua na mobilização de uma competência estética do sujeito, apontando para um *fazer sentir* os valores sensíveis postos em circulação. Nesse caso, a motivação para sentir também segue os caminhos de uma programação cognitiva, que aponta para a dimensão do inteligível, não sendo esse mais que um estágio dentro do programa manipulatório, guiado pelo regime de junção.

A partir dessa constatação é possível inferir que a mídia analisada utiliza a dimensão sensível como um artifício na construção do sentido. Trata-se de um simulacro de sensibilidade que se realiza apenas de

forma unilateral, pois estamos diante de uma relação em que o sentir o sentir do outro não se faz de forma direta, segundo a “forma mais pura” do regime da união, como postula Landowski (2005, p. 50), mas mediatizada por um enunciador que manipula os modos de presença corporal, cabendo ao enunciatário a instauração de uma sensibilidade apenas reativa.

Se na “forma mais pura de união” abre-se espaço para a criação do sentido novo, na forma de contágio unilateral, ao contrário, o que se tem é a repetição de modelos, ou seja, a repetição da manipulação que joga para a programação. Assim, a cada novo ajustamento, a fórmula da padronização é mantida, favorecendo a cristalização do sentido e a emergência de estereótipos e consequentes estigmatizações. Tais programas narrativos conduzem a percursos de dessemantização, estabelecendo o desgaste da significação, a usura, no dizer de Greimas. Isso porque promovem a repetição do mesmo, não permitindo a instauração de novos estados de ser e estar no corpo que só poderiam ser alcançados no modelo de união *stricto sensu* em que o caráter da não repetição aponta para a criação de sentido. Nessa perspectiva, assistimos na mídia destacada um desfile de corporeidades, a rigor, distintas, porém marcadas por características da indistinção, contaminadas pelas imagens saudadas pelo discurso midiático: os mesmos contornos faciais, os mesmos corpos, os mesmos sorrisos, as mesmas maneiras de sentir e de se mostrar sentindo. A renovação dos simulacros instaura o enunciatário em um percurso de fidelização, assumindo um contrato de fides com

enunciador. Movido pela promessa do conhecimento, o enunciatário se coloca sempre à espera de uma nova edição em que poderá entrar em conjunção com a última novidade em matéria de cuidados corporais. Vivendo o velho sonho de driblar a ação do tempo sobre o corpo, da “dieta sem fome”, “comer e emagrecer”, “emagrecer sem sofrimento”, ou, mais recentemente: “A lipo sem aspiração: uma máquina que destroi a gordura localizada sem necessidade de cirurgia. Não, não é sonho” (Veja, 22/11/2006). Tudo sob o aval de publicações, guiadas pelo rigor da distância objetivante do discurso jornalístico e de reconhecido prestígio social.

Considerações finais

A partir da coordenação de um jogo de luzes e sombras, estados de realização corporal ganham formas nas capas das revistas, alcançando sua plenitude mediante uma conjugação de cores, cintilações, contrastes, saturações que enchem os olhos do leitor. Temos, então, um *fazer ver* que opera com vistas a um *fazer saber*, característico da mídia de informação, sobre os estados de realização corporal, conjugados a um *fazer sentir*, na medida em que, por meio de simulacros, o leitor é colocado em contato com estados figurados de realização corporal que só ganham existência efetiva na perspectiva da interação, em que os estados corporais dos sujeitos do enunciado, mais do que ser vistos, se dão a ser sentidos. Tal disposição estética, ao lado da disposição cognitiva, constitui uma via privilegiada de transmissão do saber do enunciador sobre os modos de ser e estar no corpo, além de instrumento estratégico de sedução, concorrendo sobremaneira para a acentuação dos valores de busca proclamados.

No fazer ser dos sentidos, o discurso midiático elege aspectos da cultura corporal a serem valorizados. Nesse caso, pode-se dizer que saúde e estética, de forma isolada ou conjugada, provocariam a estesia da pós-modernidade. Estamos, pois, diante de uma estesia da conformidade, e não da ruptura, uma vez que as imagens edificadas em torno desse ideal de corporeidade atuam na institucionalização de estereótipos, que operam na perspectiva da redução dos modos de percepção e relacionamento do sujeito com o corpo, num percurso de produção de sentido em que a unilateralidade do fazer do discurso midiático impõe à outra parte da relação comunicativa um modelo de corporeidade axiológico e deontológico.

No percurso de busca do corpo idealizado, disseminado em imagens que cada vez mais contam com os recursos miraculosos das tecnologias que permitem apagar ou corrigir supostos defeitos e imperfeições, ultrapassando o conceito de reprodução fidedigna da realidade que a fotografia outrora encarnara, o sujeito enunciatário depara-se com a exposição de imagens corporais que atingem uma perfeição paroxísmica, praticamente impossível de se obter no plano pragmático da existência corporal.

Na medida em que a tão buscada estetização do corpo tem lugar, o sujeito não interrompe a afetação sensível que ela lhe faz sentir e é esse estado de comoção um dos instrumentos que desempenha o papel de elemento propulsor da manutenção do contrato entre enunciador e enunciatário. Assim, o desejo de entrar em conjunção com o corpo ideal é mantido pelo prazer que se supõe existir, de acordo com o que o social estabelece, no desfrutar um corpo com as qualidades significantes proclamadas, em uma relação de aprazimento de si e do outro, ao mesmo tempo, aprazendo-se com isso.

O ideal de corporeidade euforizado atua, assim, na educação de um modo de olhar e sentir em relação ao próprio corpo, dentro de uma estética programada, induzida por estados patemizados de realização corporal centrados, sobretudo na elevação da auto-estima e auto-realização, em que está implícita uma espécie de construção ou reforço de um suposto poder pessoal que parece emanar dos estados de realização corpórea propalados. Trata-se de “simulacros passionais representáveis” edificados dentro de uma estética da usura, de que nos fala Greimas (2002, p. 82), em *Da imperfeição*. Nessa perspectiva, ressalta-se o caráter da iteratividade fortemente marcado, mesmo nas construções discursivas que se referem às últimas novidades em termos de cuidados e intervenção corporais, consolidando narrativas em que a regularidade se estabelece sob a roupagem do novo.

Assim, os simulacros subsistem através das reiterações semânticas relacionadas a um padrão corporal, quase sempre inalcançável, que instala a frustração como estado de alma, ajudando a tornar a busca do sujeito permanente por algo que só existe enquanto simulacro visual, cultuado como espetáculo no e pelo discurso midiático enquanto corpos de luz: o *néon* da contemporaneidade. ●

Referências

- Greimas, Algirdas Julien
2002. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker.
- Landowski, Eric
1992. *A sociedade refletida*. São Paulo: Educ/Pontes.
- Landowski, Eric
2002. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva.
- Landowski, Eric
2005. Aquém ou além das estratégias, a presença contagiosa. *Documentos de Estudos do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*, Vol. 3, São Paulo.
- Oliveira, Ana Claudia
2005. Semiótica e moda: por um estudo da identidade. *Congresso Brasileiro de Moda*, Ribeirão Preto, Moura Lacerda.

Dados para indexação em língua estrangeira

Silva, Simone Bueno da
Meaning and Interaction in the Construction of the Body
in the Weekly Media

Estudos Semióticos, vol. 7, n. 1 (2011), p. 85-96

ISSN 1980-4016

Abstract: *This article aims at analyzing the production of meaning in the ways the body is presented in the media of weekly information, addressing the media discourse as locus of social interaction. For that, it is based on semiotic studies developed by Algirdas Julien Greimas and his collaborators, more specifically Landowski's sociosemiotics, Floch's plastic semiotics, and Oliveira's studies on fashion discourse and the construction of identity. The object of study consists of the covers of the three main Brazilian weekly magazines Veja, Época, and Istoé issued between 2000 and 2006. The thematic and figurative reiterations, guided by invariable and variable elements, led us to the observation of two main discursive isotopies - health and beauty - around which to organize the discursive analysis. From there, we observed the construction of body simulacra related to a mode of presence which is mainly subjective and another one which is mainly objective. Based on these modes of presence, we propose a typology of body simulacra related to different regimes of meaning and interaction. The analysis of the mechanisms of enunciation in correlation with the regimes of meaning and interaction has led us to observe the way the media operates in the communication of information about the body, promoting values underlying the identity construction of the contemporary subject.*

Keywords: *body, identity construction, regimes of moral and interaction, discourse semiotics, printed media*

Como citar este artigo

Silva, Simone Bueno da. Regimes de sentido e interação na construção do corpo na mídia semanal. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 7, Número 1, São Paulo, junho de 2011, p. 85-96. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 06/12/2010

Data de sua aprovação: 03/04/2011
